



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM GEOGRAFIA - PROPGEO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO CEARÁ - UECE**

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 -
Campus do Itaperi, Fortaleza/CE

**PRÁTICAS
SOCIOAMBIENTAIS DO
PROFESSOR DE GEOGRAFIA
NA SALA E NO CAMPO:
CONTRIBUIÇÕES DA
PARCERIA
ESCOLA/GEOPARK ARARIPE**

**Djailson Ricardo Malheiro
Christian Dennys Monteiro
de Oliveira**

**Josier Ferreira da Silva
Luciene Calixto de Brito Vale
Valéria Costa Nascimento**

Citação: MALHEIRO, D. R.;
OLIVEIRA, C. D. M.; SILVA, J.
F.; VALE, L. C. B.;
NASCIMENTO, V. C.
PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS
DO PROFESSOR DE
GEOGRAFIA NA SALA E NO
CAMPO: CONTRIBUIÇÕES DA
PARCERIA
ESCOLA/GEOPARK ARARIPE.
Revista GeoUECE (Online), v.
07, n. 13, p. 79-81, jul./dez.
2018. ISSN 2317-028X.



**PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NA
SALA E NO CAMPO: CONTRIBUIÇÕES DA PARCERIA
ESCOLA/GEOPARK ARARIPE**

**SOCIO-ENVIRONMENTAL PRACTICES OF GEOGRAPHY TEACHER IN
THE CLASSROOM AND IN THE FIELD: CONTRIBUTIONS FROM THE
SCHOOL PARTNERSHIP/ARARIPE GEOPAK**

Djailson Ricardo MALHEIRO ¹

Christian Dennys Monteiro de OLIVEIRA ²

Josier Ferreira da SILVA ³

Luciene Calixto de Brito VALE ⁴

Valéria Costa NASCIMENTO ⁵

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal do Ceará. Professor da Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte – Estácio/FMJ. Email: djailsonricardo@gmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal do Ceará. Email: cdennys@gmail.com.

³ Professor do Programa Mestrado Profissional em Educação – Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: josiers@hotmail.com.

⁴ Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte – SEDUC/JN. Email: lucienec Brito@gmail.com.

⁵ 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 19ª. Email: valeriacostanascimento@gmail.com.

RESUMO

Um dos grandes desafios para o professor de Geografia é a continuada formação após a sua saída da faculdade. Esse profissional encontra, muitas vezes, dificuldades em atuar em sala de aula agregando as suas práticas teóricas às aulas de campo. Essa limitação está presente devido a sua carga horária de trabalho, mas principalmente a falta de conhecimento sobre a sua espacialidade e os elementos inseridos nesses lugares. Este artigo relata a partir do método exploratório e qualitativo a experiência de professores de geografia e estudos regionais – ensino fundamental II - em uma formação através de uma parceria entre a Fundação Escola Ambiental Monsenhor Murilo de Sá Barreto, na cidade de Juazeiro do Norte e o Geopark Araripe na cidade do Crato, ambas localizadas no estado do Ceará. Objetivando assim analisar a “carência” de metodologias passíveis a associação teoria e prática. Considerando que a demanda por informação pode ser resolúvel a partir de formações bem estruturadas, planejadas e foco na regionalização dos estudos.

Palavras-chave: Formação de professores. Fundação Escola Ambiental. Geopark Araripe.



ABSTRACT

One of the great challenges for the geography teacher is his/her continuing education after leaving college. This professional often finds difficulties in working in the classroom, adding his theoretical practices to the field lessons. This limitation is present due to their working hours, but mainly because of the lack of knowledge about their spatiality and the elements inserted in those places. This article reports from the exploratory and qualitative method the experience of geography teachers and Regional Studies – middle school - in a formation through a partnership between the Monsenhor Murilo de Sá Barreto Environmental School Foundation, in the city of Juazeiro do Norte and Araripe Geopark in the city of the Crato, both located in the state of Ceará. In order to analyze the "lack" of feasible methodologies to association theory and practice. Considering that the demand for information can be resolvable from well structured, planned formations and focus on the regionalization of studies.

Key-words: Teacher formation. Environmental School Foundation. Araripe Geopark.

1. INTRODUÇÃO

Durante um bom período da ilusão desenvolvimentista (de progresso a qualquer preço) testemunhamos uma *apartheid* Sociedade/Meio Ambiente e com a chancela do universo acadêmico. Muitos contribuíram para que se percebesse a necessidade de uma integração entre esses dois sistemas, em diversas áreas do conhecimento em geral, e na Geografia em particular. As práticas socioambientais integram diretamente as ações socioculturais em sintonia com as demandas das paisagens naturais. O que desafia as novas discussões por metodologias e práticas mais qualificadas da formação (inicial e continuada) dos docentes de Geografia.

Cabe agora lapidar os meios de avaliação para observar se, de fato, as questões ambientais estão presentes e inseridas cotidianamente na formação do professor e na docência como tema transversal. Esta preocupação nos permite, assim formular, o seguinte questionamento: *o professor de geografia estrutura sua programação a partir do socioambiental ou apenas postula tais temas em momentos muito pontuais de seu trabalho?*

Pensando nas práticas didático-pedagógicas, das aulas de Geografia, percebe-se que a partir de relatos, informações, observações e formações continuadas, persiste incômodo e distanciamento entre o campo universitário e a escola. Dessa maneira as palestras, oficinas, minicursos entre outros, possibilitam estudos permanentes dos professores/as. Porém, tais práticas pontuais ainda os mantêm relativamente longe das discussões acadêmicas.



Oliveira e Assis (2009), relata que “para escrever e opinar sobre a aula em campo na geografia escolar, fez-se necessário voltar a alguns problemas de raiz: como a serventia da geografia, o conceito de aula e os papéis/relações que estudantes e professores podem assumir”. Na faculdade, as aulas de campo frequentemente abrem espaços a relatórios fundamentados na pesquisa, discussões e produções textuais com objetivos de publicações ou subsídio a atividades técnicas. Há uma correlação direta entre teoria e prática. Quando esse egresso passa à categoria de profissional, o mesmo se sente isolado dessas práticas e se distancia cada vez mais do seu contexto universitário.

As aulas de campo, tanto no ensino fundamental quanto médio, se reduzem a momentos ou eventos extraordinários. Chegam mesmo a ser ofertadas como premiações por feitos considerados importantes, mas desconectados; como vitória em competições esportivas, mérito por disciplina e boas notas.

Por assim dizer, o professor de geografia se limita ou se reduz a executar o roteiro da aula de campo, na condição de guia; quando não de acompanhante. Em que momento a aula de campo tem uma relação direta com o conteúdo ministrado? Ou apenas com a disciplina como meio de ampliar as percepções dos alunos enquanto ser social no meio ambiental?

Diante desse desconforto, a Escola de Educação Ambiental Monsenhor Murilo de Sá Barreto, instituição da Rede municipal de Juazeiro do Norte, atuando com formação de professores, firmou parceria com o Geopark Araripe. Essa unidade de conservação – a primeira do continente americano - isso passou a promover a inclusão social para além da proteção e promoção dos registros geológicos, paleontológicos, paisagísticos e culturais. Considera a participação da sociedade como um dos pilares do desenvolvimento do Geopark Araripe enquanto território de ciência, educação e cultura (GEOPARK, 2018) e encontra na parceria da Escola Monsenhor Murilo e Secretaria Municipal de Educação mais um elo de ligação efetiva com a qualificação das visitas de campo na prática qualitativa do processo educacional.

Este artigo é apresentado como relato de experiência de uma Formação para professores de geografia, registrando a atualidade e consistência do lema Geopark Araripe e seus geossítios: **conhecer para ensinar**. Objetiva-se com



esta produção, uma reflexão sobre as práticas em sala de aula em articulação com as visitas de campo do professor de Geografia no ensino básico. E visa responder de que maneira tais oportunidades podem nortear o processo de ensino-aprendizagem, retirando o professor da sua rotina menos criativa para um desafio dinâmico: a qualificação de seu ensino/aprendizagem na parceria pedagógica com as práticas de campo.

2. MÉTODO/METODOLOGIA

“Para sintonizar a investigação com a leitura da experiência escolar, adotou-se aqui o método exploratório e qualitativo, tratando o *universo de significados*” (MINAYO, 1994 p.21), na formação de professores da rede municipal de ensino. O que permite interpretar especificidades das atividades coordenada pela Fundação Escola Ambiental Monsenhor Murilo de Sá Barreto e em sua parceria com o GeoPark Araripe, no ano de 2016.

Foram utilizadas fontes documentais, a partir da inclusão artigos e livros (impressos e digitais), visando ampliar o embasamento teórico, notadamente com produção em língua portuguesa e acompanhamento dos trabalhos escolares ao longo de oito meses. A formação aconteceu estrategicamente em encontros teóricos e aulas de campo, buscando uma correlação entre as propostas apresentadas aos professores.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pensar a educação, para além do livro e das rotinas didáticas, proporciona encontros pedagógicos e debates dentro e fora dos muros das escolas. Nada dispensa momentos significativos de leitura do mundo para a construção do conhecimento. O processo educacional, nas mais variadas vertentes pretende, a partir de vivências crescentemente dinâmicas, a passagem da observação à análise; e desta ao agir sempre refletivo na autocrítica. Para tanto, estudos e muitas discussões colaborativas tornam pragmático o crescimento intelectual no universo educacional. Concorda-se assim com



Miranda e Filho (2012), quando descrevem esse movimento de formação continuada:

Sabendo que a educação é um direito de todos, a formação continuada representa um espaço-tempo de constituição e reflexão da ação educativa. É um espaço de potencialização das práticas pedagógicas. Uma oportunidade para (re) pensar as relações de poder existentes no currículo, os mecanismos utilizados para validar os conhecimentos e os pressupostos que fundamentam quem pode ou não aprender na escola (MIRANDA e FILHO, 2012).

Diante dessa premissa, pensa-se nas aulas de campo como elementos agregadores na formação docente e, conseqüentemente, como elementos para suas práticas educativas. Neste contexto, percebe-se uma necessidade nas aulas de geografia de partir para o mundo, além dos muros da escola. Assim, as aulas de campo possibilitam maior engajamento e interesse nos estudos.

Contudo, nem sempre o professor está preparado para esse desafio. Ao se deparar com as fragilidades do sistema, o planejar um campo, em articulação efetiva com os conteúdos ministrados, parece trabalho multiplicado duas ou três vezes. “A aula (de campo) deve dançar um ritmo da relação de saberes problematizados na escola – livros didáticos, projetos, aula formal e trabalho de campo – e agora movimentados na realidade “viva”, ela é esse próprio movimento” (OLIVEIRA, 2010).

Para Alves, M.B.N e Alves, C.R (2010), “conhecer a realidade local e sua complexidade, relacionando com problemáticas locais, no espaço geográfico eleva o trabalho do professor/aluno a uma reflexão crítica e interventiva na sociedade em que estes se inserem”. Neste contexto é possível que os professores não tenham conhecimento suficiente do campo para melhor operacionalizar suas aulas. Para alguns, cada lugar visitado, mostra-se por vezes como uma novidade, pois os mesmos não tiveram oportunidade prévia de conhecer esses espaços, mesmo quando em sua formação acadêmica. Nem mesmo articular esse novo destino, em moldes comparativos, com áreas que conhecem tão bem.

Possivelmente, a geografia ainda não pensava, mesmo tendo o espaço com seu objeto de estudo, nas práticas de Educação Ambiental durante o curso de graduação. A discussão presente, mas menos importante diante da demanda



das demais disciplinas. O resultado está no papel desenvolvido por esses profissionais na educação básica, com a pouca aplicabilidade e/ou conhecimento na área. “Apenas a partir do século XX, a oferta de disciplina em Educação Ambiental aparece na plataforma curricular dos cursos de ensino à distância em Ciências Biológicas, por exemplo” (PEDRINI, 2014). O autor ainda identificou as dificuldades de se articular saberes e oferecer aulas práticas de campo sob a exclusiva perspectiva metodológica.

Peteado (1994), “afirma que a Geografia privilegia as relações do homem com o espaço em que os homens se situam – Geografia Física – como o uso que fazem desse espaço e suas relações entre si – campo da Geografia Humana”. Porém, muitos professores adotam uma escolha em práticas na sala de aula optando e segregando os estudos geográficos. Parece que estudar as questões socioambientais é obrigação a ser conduzida pela seção de geografia humana e não as correlacionam com a geografia física. Provavelmente essa separação está nítida e foi bem demarcada no curso de graduação, principalmente quando se tem, na mesma faculdade, a licenciatura e o bacharelado.

É perceptível que os professores de geografia têm dificuldades em planejar aulas de campo devido à falta de conhecimento sobre os lugares a serem visitados. Dessa maneira, a correlação entre teoria e prática fica cada vez mais distante. Oliveira e Assis (2009) fazem a seguinte observação diante dessa demanda de planejamento para uma aula de campo:

A aula em campo em nossa compreensão não é sinônimo de trabalho de campo, porém, a primeira só se torna possível de realização devido ao segundo, pois esta é uma etapa obrigatória do(s) professor(es) para que exista uma aula em campo: visitar o local; buscar dados e construir tabulações para análises prévias; realizar um esboço de construção de um percurso a ser seguido; fazer contatos iniciais com os diversos espaços estratégicos para condução da aula. Além disso, montar um banco fotográfico e documentar algumas entrevistas; problematizar já algumas dificuldades que possam vir a acontecer na realização do recorte escolhido, enfim, tudo isso faz parte do dito trabalho de campo (pesquisa) que acreditamos ser de fundamental importância para obter o potencial pedagógico da aula em campo (OLIVEIRA E ASSIS, 2009, p.197-198).



Para Cordeiro e Oliveira (2011), “as contribuições das aulas de campo proporcionam ao trabalho do professor uma maior compreensão, por parte dos alunos, pelos conteúdos e fortalece o interesse pelas aulas de geografia”. Mas, para que esse interesse se amplie é fundamental que o/a professor/a tenha em mãos um conhecimento prévio do campo, como já citado, e que estratégias metodológicas sejam definidas com objetivos bem articulados para não correr o risco da aula se transformar em apenas um passeio a determinados lugares.

O que se compreende hoje como meio ambiente – elementos naturais e sociais conjuntamente – “faz parte da origem da Geografia e isso confere o mérito de ter sido a primeira das ciências a tratar do meio ambiente de forma mais integral” (MENDONÇA, 2014). Diante dessa afirmativa, vê-se a necessidade real dos/as profissionais de Geografia saírem do conformismo apenas das leituras dos livros didáticos e partirem para outras metodologias, não descartando a primeira, mas possibilitando novas perspectivas associando teoria e prática em suas aulas. Cordeiro e Oliveira (2011) pontuam claramente a importância do campo na proposta da disciplina de geografia:

A aula de campo como recurso didático proporciona diversos elementos fornecedores ao desenvolvimento do conhecimento geográfico que dificilmente seriam encontrados em aulas teóricas apresentadas em sala de aula cercadas por quatro paredes, contribuindo assim, para ampliar o conhecimento geográfico e o interesse do aluno por essa disciplina escolar (CORDEIRO e OLIVEIRA, 2011, P.112).

A Fundação Escola Ambiental Monsenhor Murilo de Sá Barreto criada pela Lei Nº 3010, de 23 de março 2006, e um dos seus objetivos é atuar diretamente com professores em formações, oficinas e atividades com a sociedade (Diário oficial, 2018).

Geopark é uma marca atribuída pela Rede Global de Geoparques (GGN), sob os auspícios da UNESCO a uma área onde sítios do patrimônio geológico (geossítios) representam parte de um conceito notável de proteção (geoconservação), educação (geoeducação) e desenvolvimento sustentável (geoturismo e desenvolvimento territorial).

O Geopark Araripe foi o primeiro geoparque das Américas em hemisfério sul reconhecido pela GGN (Global Geoparks Network) e é composto por nove



geossítios que estão distribuídos em seis municípios da Região do Cariri: Batateiras (Crato), Pedra Cariri e Ponte de Pedra (Nova Olinda), Parque dos Pterossauros e Pontal de Santa Cruz (Santana do Cariri), Cachoeira de Missão Velha e Floresta Petrificada (Missão Velha), Riacho do Meio (Barbalha), Colina do Horto (Juazeiro do Norte). O território desse geoparque brasileiro, patrimônio da humanidade, totaliza uma área de 3.441km² (GEOPARK ARARIPE, 2018).

Devido a esse contexto, será descrito mais adiante o processo de uma formação de professores de geografia da cidade de Juazeiro do Norte, priorizando as aulas de campo em espaço local para que eles percebessem a grandeza socioambiental presente no Sul do Ceará onde se localizam os geossítios administrados pelo Geopark Araripe.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A (EA) Educação Ambiental dever ser trabalhada e vivenciada por todos os segmentos da sociedade. Dentro de uma formalização do ensino pensa-se que a EA deve ter atuação de maneira interdisciplinar. Agregando formações e informações e pensar em EA é focar, também, no processo de ensino-aprendizagem e em letramentos.

A Escola Ambiental está localizada dentro do Parque Ecológico das Timbaúbas recebendo frequentemente alunos, professores, instituições e pessoas interessadas em conhecer o parque. As escolas agendam aulas de campo e os professores da Escola Ambiental os acompanham e também professores em formações, minicursos, palestras sobre as práticas socioambientais.

Nesses encontros constantes com professores, principalmente os de Geografia, percebeu-se o quão pouco eles conheciam sobre a importância do parque e de alguns lugares da região, passíveis à aula de campo, a exemplo, os geossítios localizados em algumas cidades da região do Cariri cearense.

Partindo dessa premissa a Fundação Escola Ambiental Monsenhor Murilo de Sá Barreto, propôs uma Formação para professores da rede municipal de ensino com o título: Geopark Araripe e geossítios: conhecer para ensinar. O projeto foi apresentado a Secretaria Municipal de Ensino – SEDUC/Juazeiro do



Norte. A parceria fora firmada entre as instituições Fund. Escola Ambiental, SEDUC/JN, Geopark Araripe e o Senac, essa última cedendo o auditório para os encontro teóricos.

A formação aconteceu seguindo as seguintes estratégias:

A carga horária com 120 horas contemplando encontros teóricos e aulas de campo. Foram dois encontros por mês em intervalos de quinze dias sendo alternados, no primeiro do mês exposição teórico e no segundo encontro atividade de campo.

O objetivo geral da formação foi: Conhecer a importância dos Geossítios da região do Cariri como meio de adquirir subsídios para as aulas do ensino fundamental a partir de atividades e discussões contextualizando a temática proposta. Em geral as aulas ministradas pelo Geopark e pela Fund. Escola Ambiental e em alguns encontros tinha-se convidados para proferir palestras sobre práticas socioambientais, saúde, cultura, religiosidade entre outros temas.

Como objetivos específicos foram adotados: a) perceber a importância dos Geossítios da região do cariri como elementos agregadores no processo de ensino-aprendizagem partindo do espaço local para o global; b) discutir com os professores como estão sendo desenvolvidas as práticas do ensino da geografia e estudos regionais diante da proposta de conhecer os Geossítios; c) propor uma análise socioambiental durante os encontros; d) analisar e contextualizar fatores sociais, culturais e religiosos presentes nos Geossítios; e) incentivar os participantes a serem multiplicadores em suas respectivas escolas; acompanhar as atividades dos professores nas unidades escolares; f) apresentar as ações realizadas nas escolas; g) entregar relatórios após cada encontro dos módulos trabalhados; h) certificar os facilitadores e os participantes após a jornada anual.

Foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos:

Os encontros aconteceram de maneira expositiva e participativa; os participantes realizaram ações a partir dos temas propostos em suas respectivas escolas, durante a formação cada escola apresentou seus resultados através de relatórios e/ou apresentações e aulas de campo para conhecer in loco os geossítios da região do cariri, lixão de Juazeiro do Norte, ONG Soldadinho do Araripe em Crato, entre outros espaços.



Aconteceu a aula de abertura com a presença de representantes das instituições executoras da formação e alguns palestrantes que estariam no percorrer das práticas. Neste primeiro momento estiveram sessenta e seis professores, sendo dois de cada escola da rede municipal e lotados nas disciplinas de Geografia e Estudos Regionais. As modalidades foram apresentadas aos participantes.

Para o segundo encontro, o processo se deu em um contexto de greve de professores da rede. A Fundação Escola Ambiental entrou em contato para saber da continuidade e importância da formação, mesmo em processo de paralização. Um professor de cada unidade se comprometeu pelo ganho de aprendizado, sendo assim os encontros eram agendados nos dois primeiros meses, até o final da greve, a partir da agenda sindical.

Em meio ao percurso a ONG NOOLHAR com sede no Pará, ofertou para os professores uma oficina de reciclagem com distribuição de material para os professores e para suas respectivas escolas, a oficina aconteceu na Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte – Estácio FMJ, a partir da parceria com o projeto de Extensão ECOMED: ambiente e saúde com consciência.

Quadro 01 - Cronograma Mensal e Modalidades dos encontros:

MESES	MODALIDADES
Janeiro	Idealização do projeto e discussão na Fundação Escola Ambiental.
Fevereiro	Apresentação do projeto à Secretaria de Educação.
Março	Reunião com gestores do GeoPark Araripe e do SENAC.
Abril	I encontro: Abertura da formação. Oficina de Reciclagem – ONG NOOLHAR
Mai	II encontro: Religião, cultura e Geossítios. Aula de campo – Cachoeira de Missão Velha, Flores Petrificada, Horto, e Riacho do Meio
Junho	III encontro: Propostas metodológicas para um ensino local e global e Paleontologia e Geossítios. Aula de campo – Nova Olinda e Santana do Cariri
Julho	Férias
Agosto	IV encontro: Soldadinho do Araripe Aula de Campo – Crato
Setembro	V encontro: Educação Ambiental e a dinâmica em Juazeiro do Norte Aula de campo – Parque Ecológico das Timbaúbas e Lixão de Juazeiro do Norte
Outubro	VI encontro: Educação Ambiental – Saúde e Juazeiro do Norte Aula de Campo – Comunidade Chico Gomes – Trilha e roda de conversa com mesinheiras
Novembro	VII encontro: oficina de metodologia científica e leituras de artigos sobre a importância das aulas de campo nas aulas de geografia.



Novembro	VIII encontro: encerramento da formação com entrega dos relatórios, apresentações por escola e entrega dos certificados. A Formação foi encerrada com palestra e lançamento do livro: “Padre Cícero e Dom Fernando, uma relação que deu certo”, escrito pela professora Maria do Carmo Pagan Forti, 2017.
-----------------	--

Percebe-se que os objetivos foram alcançados, mas, no mês de novembro não aconteceu aula de campo por ter acontecido dois encontros com atividades práticas.

A carga horária posta no certificado não foi distribuída igualmente entre os professores e os mesmos já tinham conhecimento. A ausência nos encontros e a não entrega do material solicitado – relatórios e ações com os seus respectivos alunos – seria subtraída nas horas postas na certificação.

As falas dos professores foram que até aquele momento não tinha dito uma formação tão rica e que de fato correlacionava teoria e prática, dando novos olhares para as suas vivências e futuros planejamentos das aulas.

No sétimo encontro perguntou-se quantos artigos tinham lido durante o ano e a resposta não foi tão inesperada, apenas um de trinta e três tinha lido. Mostra a real necessidade de maior incentivo a pesquisa, para os professores da educação básica.

A importância da formação do profissional de Geografia, e suas perspectivas em sala de aula, podem ampliar estratégias de ensino-aprendizagem permitindo cada vez mais que os alunos percebam a significação dos conhecimentos geográficos em suas vidas. E os represente como algo próximo e passível a reflexões de um mundo que parecia tão distante. “O ensino da geografia a partir de uma análise espacial possibilitará aos educandos, o exercício de uma cidadania ambiental de melhor qualidade possibilitando aos alunos pensar sobre seu espaço de forma mais abrangente e crítica” (SILVA, 2015).

Dentro dessas metodologias proativas não se deve esquecer o livro didático, sempre questionado sobre sua utilização, que deve ser visto como recurso dentro de uma proposta didático-pedagógica e não apenas como único elemento para a construção do saber e condução das aulas, assim muitas possibilidades pensando no teórico e no campo podem surgir a partir dos conteúdos postos nos livros. Possivelmente o professor terá um elemento agregador e atrativo para leituras dentro de fora da sala e não como um





instrumento de repulsa pelos alunos, ensinar a ler geografia é fundamental para as interpretações geosocioambientais advindas das percepções de registros de mundo do local para o global, postas em sala de aula.

5. CONCLUSÃO

Os eventos acadêmicos e científicos são espaços voltados para discussões pertinentes e atuais sobre determinadas temáticas. Traçam-se estratégias que envolvem possibilidades para trocas de experiências e de novas aprendizagens que possam servir – a partir de cada realidade – de base para novas construções dentro do campo educacional em todas as esferas que a compõem.

O processo interdisciplinar deve agregar elementos que possibilitem um direcionamento para o ambiente em sentido amplo dentro de um projeto que envolva todos os atores da escola. Vários programas são criados e desenvolvidos para uma prática pedagógica voltada para o ambiente e para a saúde.

Porém faz-se necessário que a escola estude as políticas de educação ambiental e crie laços fortalecendo um olhar analítico, investigador e executor em um modelo que envolva todas as áreas do conhecimento em prol de um bem maior – a sociedade e o ambiente.

A formação para professores de Geografia e Estudos Regionais da rede municipal de Juazeiro do Norte GeoPark Araripe e Geossítios: conhecer para ensinar, propiciou além de mais conhecimento, novos materiais pedagógicos para uso em sala de aula, pois durante o percurso das trilhas foram feitos registros fotográficos e relatos escritos de tudo que foi mostrado. Esse material seria transformado em recurso didático para as aulas dos conteúdos programáticos voltados para as questões naturais, como é o caso das turmas de 6º anos.

A formação constou de palestras com pesquisadores dos temas sugeridos e trilhas monitoradas pelos pesquisadores do Geopark Araripe aos nove geossítios da região do Cariri cearense.



Os professores elaboraram projetos ou atividades sobre o que foi explanado durante as palestras e aulas de campo, de acordo com a realidade ambiental de cada escola e nível escolar dos alunos de forma a promover ações em Educação Ambiental do interesse da comunidade escolar.

As atividades seriam direcionadas para pró-atividade do aluno, despertando maior interesse e eficácia no desenvolvimento do projeto, onde todo material desenvolvido deve ser valorizado pela escola a partir de momentos elaborados para apreciação das ações e desempenho.

Conclui-se que o resultado da Formação demonstrou a carência de maiores informações e possibilidades de aulas de campo na região para que tanto alunos quanto professores possam “desfrutar” e “beber” da fonte informacional, cultura e de saberes presentes no Cariri. O interesse dos profissionais em participar dessas modalidades de ensino-aprendizagem é muito promissor, pelo formato explorado na elaboração dos objetivos e estratégias para os encontros, como formação significativa e pragmática.

6. AGRADECIMENTOS

Ao Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC por disponibilizar o espaço físico para os encontros;

Ao Geopark Araripe, em nome dos professores Nivaldo Soares de Almeida e Francisco Idalécio de Freitas pela parcerias e disponibilidade para ministrar os módulos.

ONG Aquasis - Soldadinho do Araripe.

E a todos/as os/as formadores/as que participaram voluntariamente dos encontros.

Aos professores/as de Geografia, Estudos Regionais e História da rede municipal de ensino de Juazeiro do Norte, pela disponibilidade em participar com compromisso e dedicação em todos os módulos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Márcia Brito Nery; ALVES Carley Rodrigues. **AULA DE CAMPO: FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA LEITURA DE MUNDO**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade ISSN 1982-3657. 2012.



Boletim Paulista de Geografia/Seção São Paulo - Associação dos Geógrafos Brasileiros. - nº 1 (1949) - São Paulo: AGB, 1949.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. **A aula de campo em Geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola.** Revista Geografia (Londrina), v. 20, n. 2, p. 099-114, maio/agos.2011.

DIÁRIO OFICIAL DE JUAZEIRO DO NORTE GOV. **A Fundação Escola Ambiental Monsenhor Murilo de Sá Barreto** criada pela Lei Nº 3010, de 23 de março 2006. Disponível em: <
<http://www2.juazeiro.ce.gov.br/Legislacao/2006/LEI%20N%C2%BA%203010-2006-CRIA%20ESCOLA%20AMBIENTAL%20MONSENHOR%20MURILO.pdf>>
Acesso em: 01.05.2018.

GEOPARK ARARIPE – **Descrição, funcionalidade e objetivos.** Disponível em: < <http://geoparkararipe.org.br/>> Acesso em: 25.04.2018.

MEDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e Meio Ambiente** – São Paulo: Contexto, 2004.

MIRANDA, Theresinha Guimarães e FILHO, Teófilo Galvão: **O Professor e a Educação Inclusiva: formação, práticas e lugares.** Salvador; EDUFBA, 2012.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia Escolar** – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n.1, p. 195-209, jan./abr. 2009

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. **Paradigmas metodológicos em Educação Ambiental** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PENTEADO, Heloisa Dupas. **Metodologias do ensino de História e Geografia** – São Paulo: Cortez, 1994.

SILVA, Rodrigo Nascimento Rodrigues da. **As práticas de Educação Ambiental no ensino de Geografia.** VIII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental Rio de Janeiro, 19 a 22 de Julho de 2015.